

A TURISTIFICAÇÃO DE MACEIÓ-ALAGOAS-BRASIL: UMA BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICO-ESPACIAL

**Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos
Lindemberg Medeiros de Araujo
Silvana Pirillo Ramos**

RESUMO

Partindo do conceito de turistificação como um processo espacial de territorialização pelo e para o turismo, nosso estudo contempla a interface turismo/construção do espaço urbano. Este ensaio consiste em um estudo descritivo de caso, que trilha o percurso histórico de desenvolvimento turístico da destinação Maceió-Alagoas-Brasil até a atualidade. Como resultado dessa reflexão, constata-se que, historicamente, o turismo de “sol e praia” é o segmento predominante nesse destino, modelando e remodelando o espaço urbano de Maceió, com notável privilégio de equipamentos turísticos e urbanos concentrados em trechos específicos do litoral da cidade, não obstante as limitações de ordem ambiental, política, social e cultural que se apresentam para o logro da sustentabilidade desse destino. Palavras-Chave: Turistificação; Destinação; História; Espaço; Maceió-Alagoas-Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que o turismo tem a capacidade de renovar funções urbanas e até mesmo de criar novas cidades, e que, historicamente, a modificação de espaços urbanos para o consumo turístico tem trazido muitas consequências, tanto no sentido de degradá-los, quanto no de desenvolvê-los. Desse modo, esse ensaio contempla a perspectiva turismo/cidade, sob o viés qualitativo, de um estudo descritivo de caso, que trilha o percurso histórico de desenvolvimento turístico da Destinação Maceió-Alagoas-Brasil.

Benevides (apud Rodrigues 2015, p.81) conceitua turistificação como “[...] refuncionalização do espaço pelas práticas turísticas [...]”, fenômeno que gera uma “[...] ambiência apropriada às práticas turísticas [...]”. Comentando esse autor, Rodrigues (2015) complementa que os processos de turistificação conferem novas funções a espaços já existentes, apropriando-se deles e os readequando às novas demandas, o que valoriza suas imanentes potencialidades turísticas, constituindo, assim, territórios turísticos. Dessa forma, para este estudo, compreendemos turistificação como um processo de territorialização do, e para o turismo, no espaço urbano de Maceió.

A problematização que orienta nosso texto busca explicitar possíveis respostas para a seguinte indagação: como o fenômeno turístico se relaciona historicamente com a construção urbana de Maceió, enquanto destinação? Já o objetivo geral do trabalho é descrever a construção histórica, até a atualidade, de aspectos centrais da turistificação de Maceió, a fim de se explicitar algumas relações entre a formação espacial desse destino e o fenômeno turístico.

2 A CIDADE E O TURISMO

A cidade, é o *lócus* onde o ser humano vive, intensamente, a sua natureza social, desde muito antes das antigas *pólis* gregas, passando pelas cidades medievais, pelas modernas, até a contemporaneidade. É nesse espaço, construído socialmente pelo ser humano, que as formas urbanas são consolidadas no decorrer do tempo, e no qual ocorre, em grande parte, o turismo¹ enquanto fenômeno social.

Nesse sentido, se faz esclarecedora a afirmativa de Henriques (2003) de que as relações entre o turismo e o espaço urbano são muito mais antigas do que o recente campo de estudo que procura sintetizar essas temáticas. Muito bem lembra esse autor de que o turismo é um fenômeno eminentemente urbano, que também depende de urbanitas que se deslocam, a exemplo dos ricos jovens europeus dos séculos XVIII e XIX que faziam o *Grand Tour* por importantes cidades europeias, com a finalidade de se educarem e adquirirem os mais vastos princípios de urbanidade daquela época. Hoje, além dos ricos, vastos fluxos de indivíduos da classe média se deslocam entre grandes centros urbanos e países, impulsionados pela mídia, pelo consumo, e pelos modernos meios de transportes, como os aviões a jato de alcance intercontinental.

Os modernos fenômenos de urbanização e de turistificação do espaço, tornaram-se cada vez mais interdependentes, gerando, ao mesmo tempo, relações harmônicas e tensas. Duhamel e Knafo (2007) afirmam que não se tem dado a devida atenção, nas pesquisas acadêmicas, às relações mais íntimas entre os processos espaciais que presidem a relação existente entre urbanização e turistificação. Para esses autores, durante muito tempo, enfatizou-se a análise do turismo como um fenômeno de “escape da cidade”, algo que negligenciava o fato histórico da própria natureza urbana do que se denominou o *Grand Tour*.

Contrapondo-se empiricamente a essa tendência analítica, o turismo, enquanto fenômeno espacial, causou uma dupla revolução na história urbana. A primeira teve início no século XVIII e inaugurou o desenvolvimento de centros urbanos, inicialmente na Europa e posteriormente em todo o mundo, criados especificamente por e para o turismo. Já o segundo movimento é mais recente e consolida as cidades como importantes domínios da recreação, com uma centralidade do turismo enquanto forte motor econômico do desenvolvimento urbano no século XX (ANTÓN CLAVÉ, 1998; HENRIQUES, 2003).

O poder transformador do espaço urbano, pelo turismo, revela-se ao passo em que ele torna-se responsável pelo fluxo de grande quantidade de pessoas que se deslocam de seus lugares habituais para inúmeras destinações ao redor do mundo. Nos lugares visitados, os turistas demandam a oferta de estruturas que permitam a circulação e o abrigo dessas massas de viajantes, estruturas relacionadas às hospitalidades pública e comercial. Assim, desde as primeiras viagens agenciadas, de que se tem registro em meados do século XIX, até hoje, aconteceram várias mudanças na forma como as pessoas viajam e transformam o espaço

¹ Segundo Moesch (2000, p. 10), o termo *tour* aparece documentado na Inglaterra, em 1760, e a etimologia da palavra permite a indicação de sua procedência no latim com *tornus* (substantivo: torno) e *tornare* (verbo: redondear, tornear, girar); acredita-se que o *turn* (origem britânica), de 1746, cedeu lugar, em 1960, ao *tour* (de origem francesa) que é usado até hoje. A autora afirma que o primeiro registro da palavra “turismo” é de 1800, e consta no Pequeno Dicionário de Inglês Oxford que o conceitua como: “A teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer. Uso, depredação.”

urbano. Nesse sentido, a alta dinamicidade das sociedades contemporâneas é fator crucial nas transformações efetuadas no que hoje denominamos turismo (CRUZ, 2000), quando esse segmento da economia se tornou uma alternativa e estratégia de desenvolvimento em incontáveis cidades em muitos países.

Neste trabalho, partimos da premissa de Cruz (s.d., p. 92) “[...] de que o turismo, compreendido como prática social e também, sobretudo, como atividade econômica, é um vetor produtor de espaço”. Assim, faz-se necessário entender como as destinações turísticas evoluem ao longo do tempo para que se possa compreender como o turismo se relaciona com, e ajuda a formar, a ambiência urbana de uma destinação. O principal resultado da estruturação do lugar para a realização da função turística é que a espacialização da atividade gera um acúmulo de papéis que, no conjunto, demonstram uma ênfase nos elementos geográficos como recursos (cidades, praias, paisagens, etc.) para a composição do produto turístico, assim como elementos infraestruturais (equipamentos de apoio, alojamentos, etc.). Uma consequência direta da estruturação do lugar pelo turismo é que ele preside um processo que reconfigura fisicamente o espaço e que tal reconfiguração sustenta uma relação dialética com os elementos simbólicos do território local e regional, através do consumo. Tal dialética sustenta-se principalmente no capitalismo global e cria nos lugares reflexos materiais e simbólicos da globalização através do turismo. Disso pode-se concluir que os lugares, territorializados pelo turismo, transformam-se em “produtos turísticos”, os quais são comercializados no mercado das destinações².

Ainda sobre a relação espaço urbano e mercado turístico, Rodrigues (1997) sustenta que existe um estreito vínculo entre o consumo do turismo e do lazer e a crescente quantidade de pessoas vivendo em centros urbanos, locais onde existe maior força da ideologia consumista, característica das sociedades pós-industriais. Assim, sabe-se que as demandas pelo turismo massificado são provenientes e destinam-se, principalmente de/e para as cidades, influenciando esses lugares de várias maneiras. De forma semelhante, Cruz (2000) considera que não se pode compreender o turismo independentemente da sua relação com as cidades. Como vimos, o espaço urbano é um suporte e ao mesmo tempo um gerador de atrativos turísticos.

² Considerada geograficamente, a destinação, ou o destino turístico é um foco – de cunho empírico e teórico – para se analisar a estruturação da oferta, juntamente com todos os fatores materiais e imateriais intervenientes; a movimentação turística; e seus impactos e significados. É lá, no âmbito das destinações, onde se encontram, juntos, os aspectos mais centrais do turismo, quais sejam: a demanda turística; transportes; suprimentos e o mercado; enfim, a destinação, e suas imagens geradas, atraem os turistas, movimentando o sistema de turismo (S.A. HAUGLAND; et Al., 2011). Também podemos conceber uma destinação turística como sendo uma porção do espaço geográfico, turistificada, ou territorializada pelo turismo, que abrange o território pré-existente ao turismo e a contribuição do próprio turismo frente à formação da configuração territorial de uma localidade.

3. BREVE HISTÓRIA DE MACEIÓ ENQUANTO DESTINAÇÃO TURÍSTICA

Historiadores, a exemplo de Craveiro Costa (1982), defendem a tese de que a cidade de Maceió³ começou a se formar como uma pequena povoação, ou arraial, nos arredores de um antigo engenho, provavelmente datado do século XVII, localizado junto à ermida de São Gonçalo⁴. Outros defendem que o início deu-se a partir de uma vila de pescadores, situada próxima ao Porto de Jaraguá, e que o desenvolvimento da povoação ocorreu com base nas atividades ligadas a esse porto. Os historiadores são unâimes, apenas, em afirmar que não há um consenso sobre o local de origem da cidade (COSTA, 1982).

Conforme Cavalcanti (1998), as hipóteses que buscam explicar o posterior desenvolvimento do povoado sugerem que os caminhos que ligavam o litoral às lagunas Mundaú e Manguaba, assim como a influência do Porto, fixaram o povoado que, em 1837, adquiriu o status de capital da província, num conflituoso processo de transferência, pois, a ainda Vila de Maceió, que acabara de se tornar cidade, não apresentava condições de infraestrutura urbana superiores às da cidade de Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul (atual Marechal Deodoro), que era a capital da província. No entender de Cavalcanti (idem), tal momento caracterizou uma redefinição da ação estatal perante os interesses de forças locais tradicionais, concentradas nas mãos de elites burguesas, como os senhores de engenho, e segmentos que exploravam o comércio exterior ligado às atividades portuárias no bairro de Jaraguá.

No que se refere à vocação turística de Maceió, desde os seus primórdios ela tem por base as atratividades de “sol e praia”, resultado da sua natureza de cidade litorânea e das suas características fisiográficas muito atrativas. Pode-se afirmar que o turismo teve início, nessa cidade no período compreendido pelas últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX, incluindo o pós I Guerra Mundial (VERAS FILHO, 1991). Contudo, para autores como o próprio Veras Filho (1991), Costa (1998) e Rangel (2010), foi a década de 1970 que marcou os primórdios da expansão turística em Maceió nos moldes contemporâneos com importantes melhorias na sua infraestrutura básica e equipamentos turísticos.

Com relação à infraestrutura turística, antes da expansão que ocorreu a partir da década de 1970, registra-se que o primeiro hotel importante da cidade – o Bela Vista Palace Hotel – foi construído em meados da década de 1920, sendo demolido em 1964-65. Nesse período, a infraestrutura que Maceió tinha a oferecer aos turistas era restrita, as acomodações eram poucas, sendo oferecidas por hotéis como o Majestic, o Beiriz, o Central, o Hotel dos Palmares e o Bela-Vista Palace Hotel (VERAS FILHO, 1991). Vale ressaltar que a rede hoteleira estava situada numa área entre o centro da cidade e a orla da Avenida da Paz, importante corredor urbano dessa época.

³ A palavra Maceió é proveniente da língua tupi, das denominações *Macayó* ou *Macaio-k*. O termo significa “aquele que tapa o alagadiço”, talvez em referência à abundância de águas por todos os lados e à constante subida e descida das marés. Foram os índios que ‘assistiram’ a esse espetáculo da natureza, uma vez que se trata de uma formação geologicamente recente. Passaram a chamar o local de Maçaio-k. Mais tarde os portugueses modificaram o nome indígena, e assim surgiu o atual nome da cidade.

⁴ Acredita-se que tal engenho estava localizado nos arredores de onde, hoje, situa-se a Praça Dom Pedro II, no centro da cidade.

Figuras 1 e 2: Antigas imagens do Bela Vista Palace Hotel e Orla da Avenida Duque de Caxias, em Maceió.



Fonte: Imagens de domínio público (s.d.).

Até meados do século passado, a influência de um turismo ainda incipiente na urbanização da cidade foi limitada, tanto pela relativa pequena expressão numérica de visitantes quanto pela existência apenas de hotéis de pequeno porte e de características tradicionais. Além disso, esses hotéis se localizavam principalmente na área que vai do centro da cidade até o Porto de Jaraguá. As partes centro e norte do litoral do atual sítio urbano de Maceió eram formadas basicamente por coqueirais e sítios.

A década de 1970 presenciou uma etapa de crescimento e modernização do turismo em Maceió. A cidade cresceu, a orla do bairro de Pajuçara foi urbanizada (em 1974) e foi aberta a avenida que atualmente liga o bairro de Ponta Verde à chamada Lagoa da Anta, hoje denominada Avenida Álvaro Otacílio. A partir dessas transformações urbanas, foram inaugurados restaurantes e hotéis de grande porte nessa parte da cidade. Com isso, o trecho de orla formado pelos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca se tornou a área central da urbanização turística da cidade.

Em 1971, foi realizada a reforma do aeroporto de Maceió – então chamado Campo dos Palmares – e ocorreu a inauguração do Estádio Rei Pelé. Parte dos alojamentos do Rei Pelé foi transformada no “Lagoa Hotel”, com 50 apartamentos climatizados e confortáveis (VERAS FILHO, 1991). Essas mudanças urbanas pelas quais a cidade vinha passando, juntamente com uma emergente percepção do governo do potencial turístico de Maceió, incentivaram para que também em 1971 fosse criado o Fundo Geral de Turismo – Fungetur e, em 1972, o Banco do Nordeste do Brasil – BNB, estabeleceu linha de financiamento para empreendimentos de pequeno e médio porte na hotelaria, ano em que foi impresso o primeiro Guia Turístico de Alagoas (MARTINS, 2006). A partir daí, com os incentivos fiscais, começam a surgir hotéis de padrão mais elevado, como o Luxor Hotel de Alagoas (considerado, na época, de alto Luxo) em 1976; o Hotel Beira-Mar, em 1977; e o Hotel Alteza Jatiúca, em 1979 (MARTINS, 2006).

Para autores como Veras Filho (1991), Costa (1998), e Rangel (2010), um elemento central que ajudou a impulsionar o turismo na destinação Maceió foi a implantação do Hotel Alteza Jatiúca, particularmente o fato de a Rede Globo de Televisão ter filmado capítulos de uma novela nas dependências desse hotel. Esses dois fatos juntos foram importantes fatores de

⁵ Esses dois hotéis estavam localizados na Praia da Avenida, local que posteriormente passou por um processo de desvalorização. Além disso, os novos hotéis de Maceió nesse período começaram a ser construídos nos bairros de Pajuçara e Ponta Verde. Como consequência, esses dois hotéis fecharam.

atração de um grande afluxo de turistas à cidade, mostrando a importância da urbanização, da hotelaria e da mídia para o desenvolvimento turístico.

Com esses avanços na infraestrutura turística da cidade, e com uma maior visibilidade proporcionada pela novela, em 1986 mais de 174 mil visitantes vieram a Maceió. A partir de então, essa destinação experimentou um grande crescimento na sua demanda turística, com a beleza cênica da cidade e a natureza, particularmente as praias, funcionando como os grandes elementos de atração (COSTA, 1998). A essa altura, Maceió já tinha se inserido na rota dos transatlânticos internacionais. No ano de 1987, é inaugurado o Matsubara Hotel na Praia de Cruz das Almas, o primeiro cinco estrelas do Estado. A partir de então, a maior parte da hotelaria em Maceió estava localizada no trecho de orla que vai do Porto de Maceió a Cruz das Almas, com uma extensão de aproximadamente seis quilômetros lineares, reforçando a tendência de litoranização da turistificação de Maceió. Em 1990, foi inaugurado outro hotel cinco estrelas, dessa vez o Meliá Maceió Bouble Reverse Flat (MARTINS, 2006) na Praia de Jatiúca.

Na segunda metade da década de 1980 – Maceió tinha se tornado uma das principais destinações dentre as capitais nordestinas. Não foi sem razão que em 1993 foi criada a primeira secretaria de estado voltada exclusivamente para o turismo em Alagoas, a Secretaria de Turismo – Setur. O turismo havia se tornado um fato urbano de grande visibilidade para a cidade de Maceió, principalmente ao longo da orla marítima da cidade, contribuindo significativamente para a economia dessa destinação, o que justificou a criação de uma secretaria de estado para cuidar do setor.

Os fatos históricos aqui relatados sobre a turistificação do destino Maceió foram interpretados no pioneiro estudo de Rangel (2010) sobre o ciclo de vida da destinação turística Maceió, o qual teve como base teórica o modelo de Butler (1980)⁶. Para Rangel (2010), apesar de alguma literatura identificar atividades turísticas na cidade de Maceió e no Estado de Alagoas anteriores à década de 1930, a exemplo das fontes aqui mencionadas e dos relatos de Brandão (1937), no seu livro “*Vade mecum* do turista em Alagoas”, tais dados são genéricos e esparsos. Assim, o autor, ao coligir informações de 20 entrevistados, os quais são qualificados por ele como profissionais que detêm conhecimento técnico e histórico sobre esta destinação, afirma que foi quase unanidade entre esses entrevistados situar o período pós 1979, ou seja, marcado pela inauguração do Hotel Jatiúca, o início do estágio “desenvolvimento” (BUTLER, 1980) do turismo em Maceió, marcado pela venda de um produto característico, ou seja, o “sol e praia”. Nesse sentido, Rangel (2010) sugere que os fatos históricos anteriores a esse marco devem ser denominados de antecedentes do período de desenvolvimento turístico do destino Maceió.

Contudo, após o período de desenvolvimento, houve uma queda acentuada no movimento turístico, devida a problemas político-institucionais e de instabilidade econômica (COSTA, 1998). Entre 1980 e 1990, o estado de Alagoas, que tinha seu maior fluxo turístico bastante

⁶ Considerado um dos autores mais citados nos estudos sobre destinações turísticas, Butler (1980) desenvolveu um modelo, em língua inglesa denominado TALC (*Tourism Area Life Cycle*), o qual distingue fases evolutivas de uma área turística, quais sejam: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação e estagnação; esta última fase pode evoluir para declínio ou rejuvenescimento. Com base nesse modelo, Rangel (2010) situa temporalmente as seguintes fases do ciclo de vida do destino Maceió: antecedentes (1937-1978), desenvolvimento (1979-1985), consolidação (1986-1988), estagnação (1989-1996) e pós-estagnação (a partir de 1996).

restrito a Maceió, com pequenas exceções, chegou a ser um dos destinos turísticos mais visitados do Nordeste brasileiro. Já nas décadas seguintes (1990-2000), conforme dados da Comissão de Turismo Integrada do Nordeste – CTI/NE, passou a ocupar as últimas classificações na preferência dos turistas que visitaram o Nordeste Brasileiro (MARTINS, 2009). Tal fato indica o início de um estágio de estagnação desse destino, que expressa os fatores atuantes no turismo receptivo de Maceió, como as crises administrativas e os graves problemas ambientais que afetavam a capital alagoana; assim como fatores externos, a exemplo das crises financeiras nacionais e da emergência competitiva de outros destinos.

Quando Maceió entrou na fase de pós-estagnação (RANGEL, 2010), experimentando uma fase de rejuvenescimento na sua demanda turística, constatamos o que vem se evidenciando ao longo do tempo. Com base em dados da Secretaria Executiva de Turismo de Alagoas – Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) há uma predominância do segmento de “sol e praia” nessa destinação, o que confirma nossa hipótese de que esse segmento cada vez mais se tornava consolidado e prioritário no turismo de Maceió. Esses dados não estão disponíveis para anos anteriores, mas se fizermos uma média do percentual de visitantes registrados pela Setur/AL, em Maceió, verificamos que, entre os anos de 1998 e 2006, **53,09%** deles vieram a passeio, considerando-se esse intervalo temporal. Com relação ao fator decisório da visita, a média entre 1998 e 2006 é de **93,58%** visitantes que vieram em busca de atrativos naturais. Ainda, para corroborar esses dados, na pesquisa de 2003 o mesmo órgão detectou a maior motivação dos visitantes que buscavam os atrativos naturais: **98,33%** deles buscavam atrativos do tipo litoral/praias (essa é a terminologia da pesquisa).

Com a predominância do segmento de “sol e praia”, tornou-se premente a necessidade de se diversificar a base da oferta turística da destinação Maceió para enfrentar sua baixa demanda de turistas nos períodos de chuva. Tomando como exemplo o ano de 2001, a maioria dos visitantes entrevistados pela Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) costumavam viajar nos meses de novembro, dezembro e janeiro (**59%**), ou seja, na alta estação de verão. Nos meses de junho e julho, também considerados alta estação, a cidade sofria com problemas de sazonalidade por conta das chuvas. Uma das tentativas para melhorar essa situação foi diversificar a atratividade do destino, criando melhores opções de atrativos histórico-culturais, como ocorreu com a frustrada política de revitalização turística do bairro de Jaraguá, fomentada através do Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – Prodetur/NE, entre a década de 1990 e início dos anos 2000.

Não obstante o insucesso da requalificação de Jaraguá para o turismo de lazer, em 2005 foi inaugurado, nesse bairro, o Centro Cultural e de Exposições de Maceió. Segundo Martins (2006), até esse momento, Maceió era a única capital nordestina que não contava com um Centro de Convenções. Para esse autor, a construção desse equipamento e a inauguração do novo Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, no mesmo ano, capacitou Alagoas e Maceió a receberem vôos internacionais, trazendo significativos retornos para o turismo local e estadual. Segundo dados da Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) no ano de 2005 Maceió recebeu 1.100.780 visitantes, superando a marca de 951.922 visitantes registrada no ano anterior.

Com relação à rede hoteleira, Rangel (2010) afirma que Maceió praticamente estagnou no que se refere à disponibilidade de leitos totais (incluindo hotéis, pousadas, Albergues, Motéis e outros imóveis) entre 2002 (14.704 leitos) e 2007 (14.990). Conforme Peixoto (2008), baseado em dados da Setur-AL, no segundo semestre de 2007 Maceió contava com 46 hotéis

que ofertavam 3.315 UHs e 7.310 leitos; assim como com 36 pousadas que ofertavam 513 Unidades Habitacionais e 1.359 leitos, o que em comparação com os dados do final da década de 1980, por exemplo, assinala um menor número de hotéis, mas que aponta um crescimento do número de leitos disponíveis, em função do maior porte e da diversificação dos empreendimentos que surgiram.

Um importante marco dessa década foi a criação de políticas de qualificação e requalificação urbana em Maceió, entre 2007 e 2009, quando o poder público municipal promoveu a revitalização das orlas das praias de Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara, consolidando esse trecho como o principal corredor de turismo e de lazer da cidade. Essas intervenções valorizaram ainda mais as características urbanísticas dessa parte da cidade, ao longo de um trecho de grande beleza natural, representada pelo coqueiral, praias, mar e os recifes costeiros, dentre os quais os que formam a Piscina Natural da Pajuçara. Esse conjunto de aspectos artificiais e naturais fizeram com que a orla marítima de Maceió lograsse maior destaque, por sua beleza paisagística, fortalecendo ainda mais o segmento mercadológico local de “sol e praia” e, consequentemente, intensificando a turistificação da capital alagoana ao longo da sua orla marítima.

Figura 3: Recifes de coral na orla de Ponta Verde e Enseada de Pajuçara, ao fundo.



Fonte: Maceió (2016).

Conforme Martins e Lima (2007), a partir da segunda metade da década de 2000, os bairros que compreendem esse trecho da orla da cidade já passavam por um processo de adensamento populacional e valorização fundiária, diferentemente daqueles bairros localizados ao sul do centro da cidade, que antigamente tinham uma centralidade maior, como é o caso da parte da cidade onde se situa na Praia da Avenida que, como vimos, concentrou os primeiros meios de hospedagem da cidade. Como consequência desse adensamento, e impulsionado pelo aumento da demanda turística e por residências à beira-mar, registra-se um crescente aumento na verticalização das construções nesses bairros, com edificações destinadas aos grupos sociais de alta e média renda, além de maciça concentração de imóveis comerciais e de serviços gerais, como galerias comerciais, clínicas médicas, assim como aqueles mais diretamente ligados ao lazer como bares, restaurantes, além de uma grande diversidade de meios de hospedagens, desde os mais simples, como albergues e pousadas, até hotéis que estão incluídos entre os mais sofisticados da cidade.

Trechos das entrevistas recentes, que nos concederam as ex-secretárias de turismo do Estado de Alagoas e do Município de Maceió (ambas encerraram suas gestões no ano de 2014) corroboram essa discussão sobre a valorização desse trecho da cidade pelo turismo. Ao questionarmos as entrevistadas sobre qual(is) o(s) ponto(s) forte(s) da destinação turística Maceió, em se tratando do espaço urbano, ambas deram centralidade à orla desses bairros –

Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara – como o espaço mais favorável e valorizado para o turismo nessa destinação.

Apesar da centralidade desses bairros no turismo em Maceió, Martins e Lima (2007) chamam atenção para a recente valorização de outras partes do litoral maceioense, as quais vem sendo alvo de grandes empreendimentos imobiliários e turísticos; são os bairros do litoral Norte do município: Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca. Essa porção do litoral é contemplada com um alto potencial paisagístico natural, com abundantes recursos, como praias, rios, coqueirais, remanescentes de Mata Atlântica e mangues. Como ainda há nesse trecho grandes áreas com potencial para instalação de empreendimentos imobiliários e equipamentos hoteleiros ou resorts, existe um grande interesse do mercado imobiliário (regional e internacional) em sua ocupação.

Figura 4: Chalé, ao lado de reserva de Mata Atlântica e Mar ao fundo, bairro de Ipióca, Maceió-AL



Fonte: arquivo pessoal (2016).

No entanto, mesmo com boas perspectivas de crescimento, atrelado aos investimentos que vêm sendo realizados pelo poder público e pela iniciativa privada para o setor turístico local ligado às atratividades do “sol e praia”, nossos entrevistados apontaram a existência de sérios limitadores para a consolidação do destino de forma sustentável, a exemplo da necessidade de se pensar a sustentabilidade do destino com relação a aspectos, tanto de ordem ambiental, quanto social, cultural, e até mesmo mercadológica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de descrever a evolução histórica da turistificação de Maceió-AL, buscando explicitar relações entre a formação espacial do destino Maceió e o fenômeno turístico. Nesse sentido, foi constatado que grande parte da sua orla marítima evoluiu agregando hotéis, pousadas, restaurantes e diversos outros tipos de serviços, assim como infraestruturas de lazer, ao tecido urbano da capital de Alagoas. À medida que a destinação evoluiu, houve uma mudança nas áreas de interesse para localização de meios de hospedagem e de infraestruturas urbanas de lazer, do eixo centro da cidade em torno da Praia da Avenida, para o trecho de orla situado entre o Porto de Jaraguá e Cruz das Almas. Constatamos também que há uma tendência de avanço na implantação de meios de hospedagem para praias localizadas além de Cruz das Almas, em direção ao litoral norte do município.

Assim, este trabalho confirma aquilo que consta da literatura, de que a territorialização urbana é uma faceta da turistificação das destinações, quer o urbano seja anterior, concomitante ou posterior ao turismo. Demonstramos que a turistificação de Maceió seguiu

um desses padrões considerados por Cruz (2000), quando essa autora menciona que em muitos casos o turismo surge em áreas anteriormente urbanizadas. Além disso, vimos que o crescimento urbano do território turístico do destino Maceió se deu, em grande parte, sustentado pelas demandas do segmento de “sol e praia”, o que fez com que o turismo dessa destinação se concentrasse ao longo da orla marítima da cidade.

Este trabalho constatou também que as iniciativas governamentais voltadas ao setor turístico em Maceió privilegiaram criar uma base institucional para a gestão turística e promoção da destinação, assim como uma melhor qualificação urbana da orla marítima da cidade, buscando torná-la mais atrativa. Embora tais políticas sejam necessárias e básicas em uma destinação, parece ter ocorrido certa negligência em relação à questão ambiental, a ponto de que a demanda turística por Maceió enfrentou forte declínio no início da década de 1990, motivado em parte pelos problemas ambientais da orla da cidade.

Dados oficiais recentes indicam que há uma tendência de crescimento da demanda turística de Maceió. Segundo a Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) no ano de **2015** essa destinação recebeu um fluxo global de **1.954.235** visitantes, que se comparados com os índices de **1997**, quando a destinação recebeu **492.197** visitantes, constatamos que a demanda turística de Maceió praticamente quadruplicou em um período de 18 anos, isto é, de 1997 a 2015. No entanto, o crescimento do número de visitantes e da oferta de unidades habitacionais em meios de hospedagem não são fatores suficientes para a sustentabilidade ou o desenvolvimento sustentável⁷ de um destino, particularmente se não houver um planejamento ambiental concomitante ao crescimento turístico. O crescimento econômico é apenas um dos pilares da noção de desenvolvimento sustentável, juntamente com o ambiental e o social.

É por isso que Luchiari (2001) afirma que a modificação de espaços urbanos para o consumo turístico pode trazer muitas consequências, tanto no sentido de degradá-los, quanto no de construir novas formas espaciais, de interações e sociabilidades. Tais transformações podem ser consolidadas nos elementos físicos do espaço e/ou nos simbólicos/abstratos, propiciando a esse espaço modificado novos signos atrelados ao turismo. Assim, uma destinação com forte apelo paisagístico, construído e natural, mas que descuida do meio ambiente ao ponto de entrar em declínio por esse motivo, como já ocorreu na destinação Maceió, pode gerar imagens negativas perante a demanda potencial da destinação, com prejuízos para a sua capacidade de competir com outros destinos que oferecem um produto semelhante, mas que podem cuidar melhor da qualidade ambiental.

Após entrevistarmos agentes diretamente ligados à recente e atual gestão pública do destino Maceió, destacamos de suas falas o reconhecimento de limitantes urbanos ao desenvolvimento sustentável do turismo nessa destinação, como esgoto a céu aberto nas ruas, poluição das praias urbanas, pobreza, moradores locais em situação de fragilidade social, especulação imobiliária, etc. Além desses fatores diretamente ligados à questão

⁷ Sachs (1993) preceitua que este enfoca um desenvolvimento socioeconômico orientado para a satisfação de dimensões amplas do ser humano. Franco (2001) elencou algumas dessas dimensões, que transpõe a esfera econômica, como a social, a cultural, a ambiental e físico-territorial, a político-institucional e científico-tecnológica. Dessa maneira, também podemos considerar que o “[...] desenvolvimento local é um modo de promover o desenvolvimento que leva em conta o papel de todos esses fatores para tornar dinâmicas potencialidades que podem ser identificadas quando olhamos para uma unidade sócio-territorial delimitada” (FRANCO, 2001, p. 31). Nesse sentido, a atividade turística pode ser um condicionante de desenvolvimento local sustentável, pois, quando bem planejada, torna-se harmônica aos recursos físicos e socioculturais dos destinos.

urbana, adicionamos nossa percepção sobre empecilhos de ordem cultural e mercadológica, que dificultam a diversificação da oferta turística de Maceió, constituída principalmente de atividades ligadas ao turismo de “sol e praia”.

Castrogiovanni (2000) esclarece que, de uma perspectiva mais específica, pode-se focar também no desenvolvimento turístico embasado em elementos mais singulares da urbe, na qual deve-se considerar inclusive, aqueles que movimentam e ajudam a construir e diferenciar seu espaço, ou seja, os seres humanos. Para esse autor, as ações humanas deixam marcas no espaço e na paisagem, através de signos incorporados com o passar do tempo. Tais significados podem objetivar-se na paisagem física ou na cultura, sendo, em qualquer uma dessas configurações, potenciais recursos para o turismo. Esse movimento pode criar e valorizar lugares para serem consumidos no mercado turístico, como em Maceió, uma localidade de imensurável patrimônio cultural, com rica cultura popular, com seus folguedos, suas tradições e diversas expressões artísticas ainda subvalorizadas como atratividades turísticas, que muitas vezes aparecem apenas nas superficiais propagandas “para turista ver”, o que se alia às fragilidades ambientais, políticas, e de gestão urbana, que são verdadeiros empecilhos na busca de um destino turístico prioritariamente pautado em um desenvolvimento local e sustentável.

5 REFERÊNCIAS

- Antón Clavé, S. (1998) La urbanización turística: de la conquista del viaje a la reestructuración de la ciudad turística. **Documents D'anàlisi Geogràfica**, 32, pp. 17-43.
- Alagoas. SETUR-AL – SECRETARIA DE TURISMO DE ALAGOAS. (s.d.). **Indicadores turísticos 1997-2015**.
- Brandão, M. (1937) *Vade Mecum* do turista em Alagoas. Maceió: Sergasa.
- Butler, R.W. (1980) The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *The Canadian Geographer*, v. 24, n. 1, p. 5-12.
- Cavalcanti, V.R. (1998) **La production de l'espace à Maceió (1800-1930)**. Tese de doutorado. 1998. 430 f. Université de Paris I, Panthéon-Sorbonne (Institut d'étude du développement économique et social).
- Costa, C. (1982) **Maceió**. 2. ed. Maceió: Sergasa.
- Costa, F.B. (1998) **Para onde vai o turismo de Maceió? Uma discussão sob a ótica da sustentabilidade**. Maceió: Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA.
- Castrogiovanni, A.C. (2000) **Turismo Urbano**. São Paulo: Contexto.
- Cruz, R.C.A. (2000) **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto.
- Cruz, R.C.A. (s.d.) **Turismo, produção do espaço e desenvolvimento desigual – para pensar a realidade brasileira**. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs). *Turismo de Base Comunitária – diversidade de olhares e experiência brasileira*. Letra e Imagem.

Duhamel P.; Knafou R. (2007) **Les mondes urbains du tourisme**. Paris: Éditions Berlin.

Franco, A. de. (2001) **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. 4.ed. Brasília: Instituto de Política.

Henriques E.B. A Cidade e o Turismo. Geografia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa**. I série. Vol. XIX, Porto (2003). p. 163 – 172.

Luchiari, M.T.D.P. (2001) **Urbanização Turística: Um Novo Nexo Entre o Lugar e o Mundo**. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H.T.; LUCHIARI, M.T.D.P. (orgs.) Olhares contemporâneos sobre o turismo. Campinas, SP: Papirus. p.17-36.

Maceió (2016). Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Turismo. Banco de imagens.

Martins, Â.A.C. (2009). O produto turístico Alagoas em seu desenvolvimento socioeconômico. Economia Política do Desenvolvimento – **Revista de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - UFAL**. Maceió, v.1, n.6, set. /dez. 2009. Edufal. P. 83-109.

Martins, Â.A.C. (2006). **Motivação, expectativa, experiência, satisfação ou desatisfação dos turistas com o produto turístico destinação: estudo sobre a área da grande Maceió – Alagoas – BR**. 2006. 321 f. Tese de Doutorado (Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade / Universidade de São Paulo, São Paulo.

Martins, C.G.M.S.; Lima, L.M.de. (2007) **Que Imagem Vende a Cidade-Mercadoria? Dois Estudos de Caso: Maceió-AL e João Pessoa-PB**. Anais do XII Econtro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém – Pará – Brasil).

Moesch, M.M. (2000) **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto.

Rangel, M.G. (2010) **Destinação Turística Maceió: ciclo de vida e perspectivas de crescimento nos próximos anos**. 2010. 165 f. Dissertação (mestrado em desenvolvimento e meio ambiente: desenvolvimento sustentável. Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento Meio Ambiente). Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

Rodrigues, A.A.B. (1997). **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec.

Rodrigues, L.C. (2015). Turismo em espaços urbanos: processos de turistificação no Nordeste brasileiro e no Caribe Mexicano. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo, Vol. 5, Número Especial, p. 81-104, abr. 2015.

S.A. Haugland; et al. (2011). Development of Tourism Destinations. An Integrated Multilevel Perspective. **Annals of Tourism Research**, Vol. 38, No. 1, pp. 268–290, 201, 1 Elsevier Ltd.

Sachs, I. (1993) **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio-ambiente**. São Paulo: Nobel/Fundap, 1993.

Veras Filho, L. (1991) **História do Turismo de Alagoas**. Maceió: Sergasa.